

TEMAS PARA 2004

CRISTIANISMO E EUROPA
EVOLUCIONISMO E CRIACIONISMO
CONDIÇÃO DA UNIVERSIDADE
GERAÇÃO DA *PRESENÇA* E O CADC
ÉTICA E DIREITO
ECONOMIA E AXIOLOGIA

PREÇO: 15 €
IVA INCLUÍDO
ISSN: 1645-8788

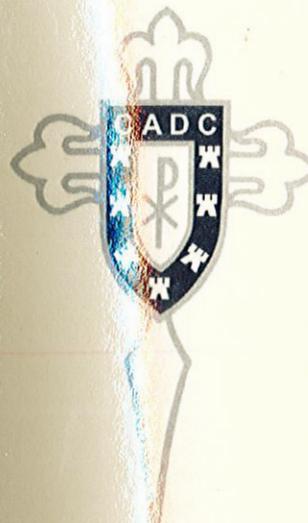
COIMBRA 2003

ESTUDOS — CADC

NOVA SÉRIE N.º 1

ESTUDOS

REVISTA DO CENTRO ACADÉMICO DE DEMOCRACIA CRISTÃ



SOLICITUDE DE PAUL RICOEUR
ÉTICA E METAFÍSICA EM EDUARDO LOURENÇO
PRESENÇA DE BARRILARO RUAS
NA SENDA DO JUBILEU — 2000
LITERATURA ARTES SOCIOLOGIA
CADC NA HISTÓRIA

NOVA SÉRIE N.º 1
COIMBRA | 2003



10
31
19
1

ESTUDOS

Revista do CADC

Nova Série 1

ESTUDOS

REVISTA DO CENTRO ACADÉMICO DE DEMOCRACIA CRISTÃ

NOVA SÉRIE

REVISTA SEMESTRAL

DIRECTOR

José Carlos Seabra Pereira

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Centro Académico de Democracia Cristã
(CADC)

NIC | 506 636 690

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Couraça de Lisboa, 30
Apartado 3024
3001-401 Coimbra

TELEFONE | 239 822 483

FAX | 239 841 585

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Gráfica de Coimbra

TIRAGEM

1000 exemplares

NÚMERO AVULSO 15 €

ASSINATURA ANUAL 15 €

ASSINATURA DE ESTUDANTE 10 €

ASSINATURA DE APOIO 30 €

ISSN | 1645-8788

DEPÓSITO LEGAL | 204341/03

Agradecimento à colaboração prestada pela SOPORCEL.

ÍNDICE

EDITORIAL	5
CADC – SAUDADES DO FUTURO	
RENOVAÇÃO DO CADC – José Carlos Seabra Pereira	11
UM SÉCULO DE HISTÓRIA – Manuel Braga da Cruz	13
CRONOLOGIA – Padre João Lavrador	17
CADC NO NOVO MILÉNIO – Alexandre Pinto	21
RENOVAR O CADC – Padre João Lavrador	25
PRESENÇA DE HENRIQUE BARRILARO RUAS	
[ESBOÇO AUTOBIOGRÁFICO] – Henrique Barrilaro Ruas	33
EVOCAÇÃO E INVOCAÇÃO DE HENRIQUE BARRILARO RUAS – João Bigotte Chorão	53
UMA INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE H.B.R. – Alexandre Franco de Sá	59
EDUARDO LOURENÇO, ÉTICA E METAFÍSICA	
EDUARDO LOURENÇO NO CADC – João Loureiro	77
EDUARDO LOURENÇO – Adriano Moreira	81
AMBIGUIDADE DO EXISTENCIALISMO – Eduardo Lourenço de Faria	83
A PROBLEMÁTICA RELIGIOSA – João Tiago Pedroso de Lima	87
DO ANTI-HUMANISMO TRÁGICO – Maria Manuel Baptista	97
PAUL RICOEUR, SOLICITUDE DE UM PENSADOR CRISTÃO	
ENTREGA DO PRÉMIO INTERNACIONAL PAULO VI A PAUL RICOEUR	107
TRAJECTO DE PAUL RICOEUR	111
IDENTIDADE, SOBERANIA E RESPONSABILIDADE – Luísa Portocarrero	115
CRISTIANISMO E EUROPA	
MENSAGEM DO PAPA AO ENCONTRO «RUMO A UMA CONSTITUIÇÃO EUROPEIA?»	133
A IGREJA NA EUROPA – Padre João Lavrador	137
ESCRITOS	
PARTIR PEDRA EM MUSEOLOGIA – Joana Rita da Costa Brites	147
ENTRE O NADA E O SER – José Carlos Seabra Pereira	171

NA SENDA DO JUBILEU

A CULTURA AO SERVIÇO DA PESSOA, MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II	185
HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II NO JUBILEU DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS	193
HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II NO XXV ANO DE PONTIFICADO	197

«A IGREJA E A CULTURA CONTEMPORÂNEA EM PORTUGAL»

«ARQUITECTURA RELIGIOSA» – Marco Daniel Duarte	205
«ARTES PLÁSTICAS DE TEMÁTICA RELIGIOSA» – Marco Daniel Duarte	211
«[...] LITERATURA PORTUGUESA» – Martim de Gouveia e Sousa	219
«A IGREJA E A MÚSICA» – Padre Pedro de Miranda	223
«MUSEUS E MUSEOLOGIA» – Alberto Correia	227
«ARQUIVOS ECLESIASTICOS» – Maria José Azevedo Santos	233
«A IGREJA E AS BIBLIOTECAS» – Jorge Pais	235
ALGUMAS DATAS MAIS SIGNIFICATIVAS DO JUBILEU 2000	239

UNIVERSIDADE E IGREJA NA EUROPA – SIMPÓSIO EUROPEU

«INSTRUMENTUM LABORIS»	245
O CADC EM ROMA – Sílvia e Sofia Costa	257
DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II AOS PARTICIPANTES DO SIMPÓSIO	261
UNIVERSIDADE E IGREJA – Cardeal Karl Lehmann	263
A IGREJA LOCAL EM DIÁLOGO – Monsenhor Marek Jêdraszewski	273

CADC NA HISTÓRIA

UMA ESCOLA DE LEIGOS: O CADC – João Bigotte Chorão	287
LEVANTAMENTO DOS SÓCIOS – Alexandre Manuel Monteiro Pinto	293
CAMINHOS CRUZADOS DO CADC E DA BIOÉTICA – Jorge Biscaia	311
O HOMEM E O MISTÉRIO DO MAL – J. Oliveira Branco	315
[INTERVENÇÃO] – Sebastião Formosinho	317

NOTAS DE LEITURA

«DIZER DEUS NA PÓS-MODERNIDADE» – Padre João Lavrador	323
CONVERSÃO HOJE: A EXPERIÊNCIA MONDADORI – Manuel Ferro	337

O ESPÍRITO NO MUNDO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

P. WALTER J. ONG, S.J. – Francisco José R. Rebelo	347
---	-----

CRÍTICA DE CINEMA

«MADRE TERESA» – Francisco José R. Rebelo	351
«ADEUS LENINE!» – Francisco José R. Rebelo	353

EDITORIAL

Eis-nos no limiar da nova série de *Estudos*, cōncios das responsabilidades que decorrem quer do seu papel na prossecução dos desígnios do CADC, quer do seu próprio historial de formação e apostolado. Desde que recolheu o testemunho legado pelos *Estudos Sociais* e pel' *O Imparcial*, esta revista soube, ao longo de décadas, pôr-se em lúcida e fiel equação com o devir sociocultural. Agora, como então, os *Estudos* querem representar, para a acção do CADC revivificada pelos dons do Espírito Santo, um meio privilegiado de cultivar o diálogo entre a Fé e os vários domínios do Saber e da Criatividade, aplicando as energias da inteligência à solução cristã dos problemas culturais e sociais do nosso tempo.

Cientes de que a sua vivência religiosa era penhor de liberdade espiritual, os sucessivos responsáveis pelos *Estudos* souberam integrar o órgão do CADC na aventura do Tempo em que as Sagradas Escrituras tanto nos edificam, pelos caminhos trilhados desde Abraão a São Paulo. E assim souberam, de modos coerentemente variáveis, preservar as constantes doutrinárias decorrentes da fidelidade à divisa e ao programa do CADC no próprio processo de abertura aos desafios da historicidade, até aos dias da viragem dos anos sessenta para os anos setenta do século XX.

Muitos de nós, que agora nos reencontramos no CADC e nos *Estudos*, vivemos os riscos e as promessas dessa época. Inquietação e mensagem estavam no coração do nosso estar no mundo; e sem elas não sabíamos viver as nossas relações interpessoais e a dimensão pública da nossa existência. Inquietação e mensagem geravam o debate ou o apelo, o dissídio ou a coesão; mas, em qualquer dos casos, desterravam das nossas vidas a abstenção, a indiferença, o cinismo. Então, para boa parte de nós, a inquietação era o frémido da Presença divina; e a mensagem era o anseio de a todos religar nessa Presença. Reconhecíamos-nos sob esse signo; e, abertos à mútua compreensão mas convictos da Verdade indispensável, buscávamos a resposta para aqueles que contestavam ou negavam as luzes da Fé e recusavam ou combatiam a presença viva de Cristo.

Eram tempos de confronto ideológico, em que por vezes nos deixámos dividir entre «integristas» e «progressistas». Por outro lado, enquanto até os

contributos históricos do Cristianismo para a promoção dos valores humanistas eram postos em causa ou subvertidos, parte dos universitários e intelectuais cristãos começou a adoptar a atitude de cúmplice cedência, diluindo a especificidade religiosa da mundividência cristã em favor da mera componente ético-social. Numa espécie de vertigem de laicização do Cristianismo (como diagnosticava Daniélou), foi-se esbatendo assim o sentido do Sagrado, a doutrina e a aspiração escatológicas, a integração das militâncias no desígnio de participar na obra inacabada da Criação divina e no processo de resgate do mundo em ordem à Parusia.

Depois vieram os tempos das euforias revolucionárias e das seguintes acalmações, em que inegáveis rasgos de generosidade humanista conviveram com equívocos de muita alma em desalinho e com atitudes de hostilização sumária ou de instrumentalização da religiosidade institucionalizada. Apesar de tudo, foram tempos que motivaram exames de consciência, rectificações de comportamentos, assomos de coragem na pública reafirmação da Fé e do desejo de reinstaurar os critérios de Cristo na cidade dos homens. Mas, sem se quererem dar por acoitados, os académicos cristãos foram desertando do debate cultural e deixando ofuscar as relações da Fé com o filosofar, com as ciências, com as artes; e alguns foram mesmo abrindo caminho inadvertidamente para os que hoje querem acantonar a vivência religiosa em domínios cada vez mais recolhidos, fora do espaço público onde o fulgor da Cruz devia iluminar a vida quotidiana de relação.

Atravessámos, enfim, o nosso fim de século, com os relativismos pragmáticos no pensamento dominante, com os sucedâneos hedonistas para as razões de viver, com os equívocos de religiosidade pagã para aquele módico de insatisfação das almas ainda não de todo saciadas na libido consumista, nem de todo esgotadas na luta pela notoriedade dentro de uma sociedade-espectáculo. As palavras «inquietação», «mensagem», «Presença» caíram em desuso, porque parecia já não habitar entre nós o Espírito que por elas se comunicava.

No dealbar do novo século (e de novo milénio, iniciado sob o signo refontalizante do Jubileu), o relançamento dos *Estudos*, no quadro da reanimação do CADC, pretende também constituir um sinal de vontade de sacudir esse torpor espiritual e de assumir a própria crise do passado próximo como oportunidade que ao CADC e aos *Estudos* foi oferecida de renovarem a consciência da sua vocação perene nas suas mutáveis condições de existência.

Num tempo em que a recorrente tentação titânica do homem moderno abandona a negação frontal de Deus e a frontal recusa de ordenar todas as coisas a Deus, para assumir uma feição *light* e por isso mais insidiosa – dispensar Deus como desnecessário para se fazer o bem, advertia já Claudel, e até rasurá-l'O do horizonte humano pela mera inércia do alheamento –, os *Estudos* procurarão promover no meio académico a atitude correspondente à interpelação de Teilhard de Chardin para quem a descrença circundante se

alimenta afinal da incapacidade dos próprios cristãos viverem integralmente a sua Fé, colocando-se na dianteira da espiritualização dos valores terrenos e da construção amorosa do Futuro.

Órgão do CADC, os *Estudos* regressam com renovado espírito de atenção e abertura a todas as questões candentes da nossa circunstância e a todos os interesses e realizações superiores do Homem contemporâneo; mas regressam também com renovado ânimo de empenhamento num princípio de verdade – superando os embaraços ou armadilhas do cepticismo em relação ao alcance das faculdades que, para tanto, nos foram concedidas por Deus, fonte da Verdade. Sem prejuízo da pluralidade de colaborações que não deixará de solicitar ou acolher, os *Estudos* continuarão a manifestar uma Consciência cristã que nada teme das dúvidas e questionações que a Filosofia e a Ciência, a Ética e a História suscitam, antes as encara como vias do imperativo de «amar a Deus com toda a inteligência» (que Cristo evidenciava na resposta evangélica à inquietação ascensional do Homem). Nos *Estudos* prevalecerá, pois, a confiança de que toda a séria interrogação e toda a recta problematização podem conduzir ao «Meu Senhor e meu Deus!» do discípulo incrédulo.

Animados por esse espírito, os *Estudos* sentem-se chamados a intervir numa atmosfera mental que se esquiva ao acto religioso fundamental de reconhecimento da dependência ontológica do Homem perante Deus, que foge a radicar a comunhão humana na Comunhão divina e que desatende à lição de Paul Ricoeur, segundo a qual a visão escatológica cristã comunica alento profético e confere eficácia temporal à acção em prol da Justiça e da dignidade humana. Ao mesmo tempo, os *Estudos* sentem-se chamados a intervir num contexto sociocultural em que cada vez mais se alargam e aprofundam os domínios aonde chega a liberdade do Homem e aonde ele tem de exercer eticamente – porque só agora aí vão chegando os seus recursos cognitivos e os seus dons criativos. Por consequência, em dialogante reacção àquela atmosfera mental, os *Estudos* procurarão contribuir para que, nesses novos domínios como em todos os espaços de inteligibilidade da Vida e de responsabilidade pela Vida, o homem de cultura actual saiba configurar a sua presença no Mundo à imagem e semelhança do cego da narrativa evangélica que procura Jesus Cristo porque quer ver e que, alcançando efectivamente ver, segue Jesus Cristo, em trajecto de livre conversão pessoal.

CONVERSÃO HOJE:
A EXPERIÊNCIA MONDADORI

Manuel Ferro

Um livro: uma voz que fala, um homem que se expõe, uma vida que se revela, um percurso espiritual que se acompanha. Pela mão de Vittorio Messori, o entrevistador do Papa João Paulo II no livro *Atravessar o limiar da esperança*¹, somos levados a conhecer Leonardo Mondadori, o Presidente do maior grupo editorial italiano, um dos maiores a nível europeu.

Através de um depoimento que se dilui, introduzido pelas palavras do apresentador, num discurso fluente, abordam-se frontalmente os temas da contemporaneidade sem preconceitos, nem tabus, com uma sensatez e um discernimento que revelam bem a importância de que se revestem na vida dos nossos dias, segundo a perspectiva de um católico convicto que tarde descobriu o seu caminho nos meandros da crença religiosa: da doutrina e moral tradicional às questões relacionadas com o casamento e o divórcio, das relações extraconjugais aos métodos anticoncepcionais e ao aborto, da eutanásia ao celibato sacerdotal, da existência do diabo e do inferno a temas prementes do homem hodierno, tudo parece interligar-se de modo natural, com a serenidade de quem se deliciou com a sabedoria do cálice da vida, bebida até à última gota. E o livro começa com uma declaração que se torna o eixo de tudo quanto depois é dito:

A vida para alguns é sombria, para outros é parda. Para mim é radiosa. Há muitos elementos que concorrem para a luminosidade da minha existência actual: antes de mais, numa manhã, há quatro anos atrás, descobri, de repente, que tinha um tumor na tiróide e um carcinóide no pâncreas e no fígado, pelo que, desde então, tenho de me submeter todos os dias à terapia

¹ João Paulo II, *Atravessar o limiar da esperança*, ed. Vittorio Messori, trad. Maria Armada Saint-Maurice Esteves, Lisboa, Temas da Actualidade, D.L., 1994.

do interfere. Por outro lado, continuo a desenvolver o meu trabalho entre múltiplas contradições e também, como é natural, entre algumas desilusões. Finalmente, por culpa minha, estou afastado daquela que, malgrado um divórcio, na perspectiva cristã continua a ser a minha mulher, que me deu uma filha, para além dos outros dois filhos de um segundo casamento. Além disso, fruo de uma vida cristã vibrante. E é esta visão da Fé que, apesar de tudo, torna a minha existência radiosa.²

Equacionando tudo quanto é dito depois com a declaração anterior, expõe-se o percurso de um homem na busca de um sentido para vida, encontrado na prática religiosa do Catolicismo. Não é uma figura qualquer que aqui se expõe; trata-se do rosto de uma casa editora, cuja história se confunde com a da imprensa italiana. Neto de Arnaldo, o Grande Velho, o mítico fundador daquele império de papel, o actual representante daquela dinastia editorial italiana revela-se a um entrevistador, que o orienta na composição do primeiro livro que leva o seu nome enquanto autor. Inicialmente dividido em três grandes blocos – intitulados “Encontro pessoal com Deus”, “O diabo e o Inferno” e “E depois?”, entendido este ‘depois’ como a passagem da vida terrena à vida eterna –, é, antes de mais, a história de uma conversão que se narra, resultante de um processo de autocompreensão de si mesmo, um percurso efectuado entre incompreensões e sarcasmos, visto pelos outros como um conjunto de “convicções extravagantes”. Norteador por uma Fé fundada em pilares simples, mas robustos, de um Catolicismo moderado, respeitador das tradições e do culto popular, Leonardo Mondadori define as bases da sua prática religiosa como ponto de partida de toda uma mundovisão que, organicamente, o ajuda a compreender o mundo que o cerca.

Outro conselho que me serviu de muito é o de que a relação com o Salvador se consubstancia e cresce somente através dos actos, da disciplina, das regras quotidianas, e não unicamente através do simples colóquio directo: é preciso falar, isto é, rezar ao nosso Pai e à nossa Mãe, à Virgem Maria, pelo menos uma vez por dia, ir à Missa pelo menos ao Domingo e nos dias de Festa, porque, para além do aparente tédio dos sermões, encontramos pessoalmente Jesus; também é preciso ler todos os dias algumas páginas do Novo Testamento; confessar-se e comungar o mais frequentemente possível.³

Depois destas considerações introdutórias, inicia verdadeiramente o seu percurso de vida. É com a humildade de alguém que se questiona assiduamente, que declara a Vittorio Messori:

² Leonardo Mondadori / Vittorio Messori, *Conversione. Una Storia Personale*, Milano, Mondadori, 2003, p. 3.

³ *Idem, ibidem*, p. 26.

Esta noite, pensei, temo ter-te [ao entrevistador] desiludido, porque não saberia dar-te respostas originais – apesar da minha licenciatura em filosofia –, quando me perguntasses quais seriam as razões intelectuais sobre as quais assento a minha Fé. Não sei fazer mais do que contar-te uma história: a minha.⁴

E é por aí mesmo que começa, definindo a Fé como uma misteriosa dádiva divina, que, no entanto, implica também a experiência do próprio Deus, de Cristo, experiência essa entendida enquanto ‘ciência do místico’. Na sequência dessa sua concepção, deve compreender-se igualmente como encara a oração e respectiva prática:

Actualmente, não consigo acabar o dia sem me dirigir a Deus: daí retiro a certeza, sempre confirmada, que não se trata de palavras lançadas ao vento, mas de um diálogo frutuoso com um Pai que escuta os seus filhos. Com efeito, todas as vezes que me dirigi a Ele para alcançar qualquer coisa que me fosse espiritualmente útil, obtive uma resposta pronta e plena.⁵

Todavia, a oração não era endereçada somente a Deus Pai, como aqui parece fazer crer, mas também à Mãe, à Virgem Maria. Pela oração fica com a certeza de alcançar o perdão dos pecados e, como homem fraco que é, não omite que entre eles não pese o da luxúria. Contudo a experiência da Graça revela-se como uma prova irrefutável, que permite superar qualquer dúvida sobre a verdade objectiva da Fé. Daí colhe, aos cinquenta e cinco anos de idade, uma alegria de viver simples que lhe lembra a da sua juventude⁶ e que procura cultivar nos ambientes por onde circula, porque crê provir da sua experiência religiosa:

Seguir as pegadas de Cristo significa descobrir uma dimensão que, basta olhar à volta, desapareceu de todo e qualquer lugar, pelo menos no mundo que mais frequente, o da economia, da cultura, da arte. É a dimensão maravilhosa e única da alegria.⁷

Depois destas premissas, passa, então, para a reconstituição do seu percurso de vida, desde a infância, lembrando as relações em família, o ambiente marcadamente laico da escola que frequenta, a Universidade e, de

⁴ *Idem, ibidem*, p. 35.

⁵ *Idem, ibidem*, p. 40.

⁶ Cf. *idem, ibidem*, pp. 43-44: “Eu sou um rapaz do campo, apesar de me ter licenciado na Universidade Estatal de Milão. Digam o que lhes apetecer. A mim, basta verificar, na minha própria vida, que, se o tomarmos a sério, o Evangelho ‘funciona’. Por conseguinte, é verdadeiro.”

⁷ *Idem, ibidem*, p. 47.

seguida, a formação editorial que recebe, visando a sucessão ao avô nos negócios da empresa. A propósito deste período, tece considerações sobre a ética no trabalho, cuja lição mestra recebe do avô, mas que agora não concebe sem uma perspectiva cristã:

O seu [do avô] segredo era uma espécie de obsessão, de extraordinária monomania: ser, na sua profissão, o primeiro, o melhor, aquele em que mais se pudesse confiar. Não um impressor qualquer, não um tipógrafo improvisado em editor, mas um amigo para os autores, um pai para os trabalhadores, um concorrente implacável e, ao mesmo tempo, leal, para com os colegas. Todas as energias e cada lira deveriam ser aplicadas na empresa: a tal ponto que a nossa grandíssima casa de Milão chegava a ficar em dificuldades, para não imobilizar capitais que deviam servir para máquinas cada vez mais modernas.⁸

Depois destas experiências e deste aprendizado, vem o primeiro casamento, o nascimento da primeira filha, Martina, e logo de seguida o divórcio. A experiência do fracasso do primeiro matrimónio representa para Leonardo Mondadori mais um motivo doloroso de reflexão, colhendo daí uma lição de vida:

O facto é que só há poucos anos a luz da Fé me fez compreender o que é um verdadeiro casamento e o que significa realmente celebrá-lo na Igreja.⁹

[...] Quando se pensa em não “sentir” mais nada, quando acabou o encanto do “estado afectivo nascente”, julga-se absolutamente necessário ir cada um pelo seu próprio caminho, à procura de um novo “sentimento”. A dádiva de si, o sacrifício, o perdão, a compreensão, a paciência, a fidelidade sempre e de qualquer modo, é tudo isto que permite o encontro entre o homem e a mulher para poderem resistir à usura do tempo e às tempestades da vida. E tudo isto, frequentemente, por perda de qualquer perspectiva cristã, não por maldade voluntária.¹⁰

Apesar de tudo, segue-se um segundo casamento e o nascimento de dois filhos. Mais adiante, já na parte III deste livro, volta à questão do matrimónio, fazendo sentir a necessidade de uma sólida preparação social e humana aos noivos, a cargo da Igreja, uma vez que o casamento ainda representa nos dias de hoje uma série de valores que são verdadeiramente uma fonte de alegria¹¹.

⁸ *Idem, ibidem*, p. 51.

⁹ *Idem, ibidem*, p. 54.

¹⁰ *Idem, ibidem*, pp. 54-55.

¹¹ Cf. *idem, ibidem*, p. 78: “Numa época em que se desagragou o valor da indissolubilidade do encontro entre um homem e uma mulher, e em que se reduz a consciência de que a

A viragem no seu percurso de vida ocorre, todavia, em 1992. Naturalmente que a um homem de livros, só um livro poderia provocar tal transformação. Foi a leitura de *Caminho*, do Santo José María Escrivá de Balaguer, que provoca essa busca de uma vivência religiosa mais intensa. Aí encontra uma perspectiva de vida mais activa, mais optimista, na qual se revê; um Cristianismo ao mesmo tempo moderno e tradicional, aberto e rigoroso, livre e fiel; em suma, uma síntese vital entre o empenhamento na vida terrena e a tensão perante o “lado de lá”.

Aprendi aí a necessidade da oração da manhã e do entardecer, a leitura quotidiana do Evangelho e de qualquer outro texto nutriente para o espírito. Aprendi, naturalmente, que a Missa, pelo menos ao Domingo, não é uma obrigação, mas uma necessidade, uma alegria, uma festa. Porém, não uma Missa mal escutada nos últimos bancos, mas antes participada, nas primeiras filas, próximo do altar. E sem reaar enfastiar-se com o sermão.¹²

A partir desse postulado, a prática religiosa que passa a seguir¹³ proporciona-lhe bases mais profundas de reflexão e leva-o a procurar um sentido para a confissão e para a comunhão:

Já o disse, mas interessa-me repeti-lo: uma comunhão bem feita, sincera, completa, é uma das maiores fontes de alegria que um homem pode experimentar. Tem-se a certeza de se voltar a ser acolhido na casa do Pai, reconciliado com Ele, contigo próprio, com os outros. Também aqui, e sobretudo nisto, me sinto profundamente católico: não me basta fazer as contas com Deus tratando-O por “tu”, como pretendem os protestantes. Sinto necessidade daquele instrumento humano, que me testemunha o perdão e a misericórdia divina, que é o sacerdote. Não foi o próprio Jesus a dar aos Seus apóstolos o

família é fundamentalmente uma instituição direccionada para a dádiva da vida, falar da perspectiva cristã do casamento tornou-se uma empresa temerária. Contudo, a fidelidade, a compreensão, a aceitação, o perdão recíproco, a abertura à fecundidade permanecem ideais que, se fossem vividos na prática, voltariam a dar uma alegria inesperada.”

¹² *Idem, ibidem*, p. 60.

¹³ Cf. *idem, ibidem*, p. 64: “Optei por viver como um cristão, porque considero que a religião de Jesus seja a única fundada num grandíssimo acto de amor, do qual os próprios homens foram testemunhas. Decerto que, num modo que apenas Ele conhece, Deus está presente também noutras FéS. Mas com um diferença que muda tudo: noutros lugares e latitudes foi o homem que se viu obrigado a procurá-Lo. Os caminhos são múltiplos, os actos de Fé extraordinários, as orações belíssimas. Mas Deus permanece distante, inalcançável, imperscrutável. Só no Cristianismo acontece o oposto: não é o homem que procura ansioso o rosto de Deus, mas é Deus que vai ao encontro do homem. É assim que se lhe revela como Homem, através de uma história vivida, da qual temos testemunhos históricos nos Evangelhos. Deus sai do mistério que o circunda e revela o Seu verdadeiro rosto.”

poder de ligar e dissolver e de nos fazer anunciar, em Seu nome, a remissão dos pecados? Naturalmente que se trata de uma alegria que brota do sofrimento, que custa por nos expormos a nu, na nossa própria miséria. Aquela primeira vez, pois, custou-me muito, até porque descobri uma quantidade de culpas e misérias que nem sequer imaginava.¹⁴

Numa terceira parte, discorre sobre variados temas actuais, que afectam todos os homens, sempre iluminados por uma perspectiva cristã: desde a dor, ao confronto com a morte, ao valor dos Sacramentos, à comunhão dos Santos, ou a circunstâncias historicamente localizadas, como a campanha para o referendo sobre o aborto, que abre caminho para se tratar das relações extraconjugais e pré-matrimoniais, ou ainda da alegria e do orgulho de se ser católico nos dias que correm, da coragem no apostolado, na nova evangelização, da crise de vocações, da abertura da Igreja aos problemas hodiernos, da acção dinamizadora do Papa, do Novo Catecismo, do sacerdócio e do celibato sacerdotal, para concluir com a abertura da Igreja às suas congéneres do Leste da Europa e com as estratégias culturais do mundo contemporâneo e sua relação com a Igreja, assistimos a uma verdadeira revisitação das grandes questões que se põem ao homem e em particular ao católico, em cada dia.

A quarta e última parte consiste na constinuação dos problemas do mundo contemporâneo, agora centrados no mundo do trabalho. Parte-se do valor do dinheiro e do mundo materialista que nos cerca, para se abordar a atitude da Igreja perante o consumismo vigente, e passa-se para a defesa de uma luminosa figura de Cristo de classe média, não indigente ou proletário como foi apresentado nas últimas décadas, assim como os Seus Apóstolos, com base numa surpreendente exegese dos textos evangélicos. Daqui retira Leonardo Mondadori uma orientação para a atitude a seguir perante os negócios que dirige: a de utilizar bem a condição privilegiada de que usufrui em favor dos mais desfavorecidos.

[...] A perspectiva em que se inspira o seu confessor também lhe ensinou que o crente não deve ter receio de aceitar o sucesso profissional, o prestígio pessoal, se a tal (como quase inevitavelmente acontece) o leva o seu trabalho tomado radicalmente a sério, enquanto visto como modo de santificação.¹⁵

Centrando-se especificamente sobre a editora, e perante a questão da publicação de livros contrários às suas convicções, recorre ao conceito de ‘ecumenismo editorial’, procurando sensatamente seguir as pisadas de um

‘realismo católico’ nas decisões a tomar, na medida em que o ‘realismo’ é concebido como um dom da Fé, entendida correctamente, muito próximo da Prudência.

E, finalmente, quando confrontado com a ideia do fim da vida, Leonardo Mondadori reage de modo tranquilo, sem tentações místicas, obsessões escatológicas ou fixações “mortuárias”, para utilizar o termo por ele aplicado. Chegado o momento, há que o enfrentar com determinação:

Viver em paz com Deus, amando-O com alegria e, tendo-O amado, morrer em paz com Ele.

[...] Será o ingresso num mundo de luz, onde o significado de tudo ficará definitivamente esclarecido. A libertação das limitações cá de baixo, que nos embaraçam, efectuar-se-à com a realização plena das nossas potencialidades. O amor finalmente sem limites de todos e por todos. A multiplicação sem fim daquela alegria, da qual cá em baixo apenas pudemos saborear um pequeno, pálido e sempre ameaçado pré-anúncio.¹⁶

Daí, a chegada da hora aprazada não conhecer medos, porque se tem o conforto de cada Avé-Maria, onde se repete “rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte”. A tudo se sobrepõe, então, um exame de consciência sobre o caminho percorrido, em que o livre arbítrio sempre deixara em aberto a possibilidade de renúncia, mas também a alternativa de arrependimento final, mediante a pedagogia da Esperança e da confiança na misericórdia de Cristo.

Com este livro, confrontamo-nos, pois, com um retrato autêntico, não de um futuro santo, mas sim de um paladino da religião, de um homem como todos nós, com as mesmas incoerências e as mesmas limitações, a quem foi dado o dom da conversão e de vislumbrar a possibilidade da “ressurreição”, de anunciar aos outros que a Esperança existe, uma Esperança com um Nome e um Rosto.

Publicado inicialmente em Março de 2002, o volume foi reeditado numa colecção de carácter popular da mesma editora – “I Miti” –, no ano seguinte. Leonardo Mondadori faleceu em Dezembro de 2002. Já não assistiu, portanto, ao sucesso editorial que constituiu e que lhe granjeara enquanto autor – por paradoxo alguém que passara a vida no meio de livros escritos pelos outros.

¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 66

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 152.

¹⁶ *Idem, ibidem*, pp. 162-163.